

PREFÁCIO

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades. (...)
(Luís Vaz de Camões)

O convite para escrever este prefácio, que tanto me honra e agradeço, fez-me pensar no uso de palavras que possam representar um turbilhão de pensamentos, suspensos em sentimentos e questões sucessivas que, vorazmente, têm assolado vivências diárias neste ano de dois mil e vinte. A tarefa recomendou, então, que escrevesse algumas linhas, coerentes com a qualidade e a ousadia das narrativas (de) docentes que em *isolamento social* nos contaram de um passado ainda tão presente.

Ao mesmo tempo, não podia esquecer que vidas, abruptamente descontinuadas e em confinamento, não impediram o florescimento de uma escrita que conta histórias e memórias que um *networking* impeliu e possibilitou concretizar. Consequentemente, ao ler os diversos textos narrativos, percebi que evidenciam como uma rede de contactos, foi um sistema de suporte, onde existiu a partilha de informação entre docentes que, mantendo conexões, sustentaram interesses em comum. Na verdade, apesar das circunstâncias sanitárias anunciam alterações profundas ao nível planetário,

sobretudo no que respeita a desejos vários de afastar as pessoas e de se condicionarem legalmente os contactos entre os seres humanos com vista a conter os contágios da covid-19, produziu-se esta obra que decorreu de processos de partilha e colaboração.

Estamos, pois, perante um livro motivado por isolamento social forçado que, no entanto, sugere destacar a importância da narração individual, como fonte privilegiada para modos cooperados de construção de saber do singular. Pensar em termos de histórias é, como bem sabemos, uma forma humana de nos (re)ligarmos a sistemas maiores dos quais fazemos parte, neste caso de um contexto de pandemia nunca visto. Entendo, por isso, que as escritas de si que compõem o livro manifestam construções sociais que se mostram mais do que necessidades individuais de partilhar a vida. As narrativas (auto)biográficas terão incentivado a auto-reflexividade dos seus autores, a consciência e a agência na transformação de sistemas locais que habitavam em ambientes sociais. Na contemporaneidade e no que à investigação biográfica diz respeito, esta *docência* (que) conta deixa-nos perceber como a mudança pode começar dentro de nós, ou muito perto de nós.

Como tem vindo a afirmar-se na investigação biográfica, as histórias podem fazer a diferença nas comunidades. Esta iniciativa, de um grupo de docentes universitários, cuja investigação tem privilegiado construções partilhadas entrelaçando com os outros, memórias, vivências e subjetividades, em trabalhos comunicativos com construção de sentidos, resultou neste livro mostrando-se intimamente coerente com a colaboração e a participação que a investigação (auto)biográfica reclama. Ao contrário do que os contextos têm ditado internacionalmente, foi possível que se mantivessem interações, relações complexas e

mutuamente influenciadas, revelando o seu poder na construção de conhecimentos. Cada docente contou a sua vida livremente, o que lhes possibilitou uma compreensão da vida como um todo, recompondo vivências em contexto de pandemia, com exemplos significativos. Acredito que ao escreverem assim, os docentes e autores fomentaram aprendizagens sobre os outros e também sobre si e a quem ler as narrativas aqui inscritas.

Só por si, estas seriam válidas razões para afirmar a pertinência e a importância desta publicação. Contudo, parece tardar esclarecer, mas recorrer à poesia para iniciar a redação deste texto foi, igualmente, eleger uma arte baseada na linguagem o que, a meu ver, também possibilita a expressão de estados da natureza humana circunstanciada, como aceito ser expressivo nos momentos que vivemos. Processos comunicacionais, orais ou escritos, sempre essenciais, como, aliás, vários dos autores ilustram nestas narrativas. Escolhi palavras de Camões, porque o poeta muito bem representa o lugar de onde falo, Portugal. Simultaneamente, o poema escrito há vários séculos, alude com recorrência à passagem do tempo e à imponderável imprevisibilidade da mudança e, em Portugal como no Brasil ou no mundo inteiro, a entrada neste ano de dois mil vinte trouxe a surpresa da existência de um novo coronavírus, novidades várias em consonância com uma pandemia da doença Covid-19 que se instalou profundamente, de forma rápida e de retrocesso muito difícil.

Continuando no tom do poema, o mundo mostrou-se composto de mudanças incontornáveis. Alteraram-se as vontades, os sentimentos e a confiança. Acumularam-se incertezas, receios e talvez tenha acontecido uma mudança de paradigma no que ao valor das interações sociais diz respeito. A expressão *distanciamento social*, que nunca apreciei, chegou da OMS carregada de significado. Parece-

me ter sido rapidamente assimilada ao nível do léxico em todo o mundo, impeliu vivências de isolamento e terá contribuído para muitas memórias de solidão, abandono ou incúria, de gente e de povos. Noutras ocasiões e textos, já tive oportunidades de verbalizar que a expressão supramencionada também trouxe consigo mudanças de comportamentos, pautadas pela obrigatoriedade e, simultaneamente, pela consternação, incompreensão e resistência, ou mesmo por transgressões. Estas últimas, considero-as muito necessárias para desequilíbrios dinâmicos e essenciais em processos e mobilidades humanizantes, com vista a evitar orientações externamente induzidas e/ou uma absoluta digitalização das nossas vidas.

A par de vontades comuns, de liberação de dependências e obrigações, com pensamento crítico e sem perder a noção do valor de relações e interações, a docência, tal como a entendo e a percebo na leitura dos diversos autores deste livro, recomenda ter bem presente que a educação, no seu sentido mais amplo, pode influenciar a evolução dos acontecimentos em todos os espaços/tempos da vida humana. Educação, conhecimento e sociedade relacionam-se e tenho defendido que a ação profissional dos docentes só faz sentido se estiver fortemente impregnada de um compromisso social, ou seja, com as pessoas nos contextos do dia a dia, mas também com a sociedade e a cultura, em termos mais globais. Assim, do que lemos nas narrativas, pode também assumir-se que na universidade se confiou a cada docente um papel exigente, mas fundamental na forma como lidamos com a transformação de estilos de vida, nossa e dos outros, como pensamos e agimos ao enfrentar a complexidade e a incerteza ou como nos desenvolvemos, a nós e aos outros, em busca de formas de acompanhar a

rapidez das modificações contextuais e relacionais nestes tempos de pandemia.

Nas últimas décadas, em diversos estudos e reflexões no campo educacional, encontramos como silêncios e invisibilidades podem ser fonte de aprendizagens, valorizando uma ecologia dos saberes e também, mais amplamente, as aprendizagens e o desenvolvimento, pessoais e profissionais, derivados do viver e(m) interação. Acrescem afirmações de que as narrativas biográficas, escritas ou orais, como produção de conhecimento de si, promovem aproximações entre investigação, docência, desenvolvimento das pessoas e das instituições. Portanto, pareceu-me igualmente oportuno convocar neste prefácio as narrativas dos vários autores, tanto quanto a oralidade que tantos abordam como valiosa, para afirmar que a sua escrita, deveras interessante, ilustra muito bem que os professores, profissionais do humano, puderam ser intervenientes conscientes, criativos e críticos do seu papel social, cuja ação se desenvolveu na interação com outras pessoas, mesmo quando viveram distantes do local de trabalho, dos estudantes e dos colegas, durante um inusitado período de confinamento obrigatório.

A apropriação de muita informação veiculada, de muitas maneiras e de forma célere, chegando a todos os seres humanos e lugares num período muito curto tem, a meu ver, dificultado a compreensão do que vai acontecendo e de como o que nos acontece se torna experiência, que se acumula e se mobiliza. A mudança drástica e imposta de vidas em *lockdown* tem contemplado imposições e dúvidas, que se vão incorporando, com diferentes contornos, na cultura dos povos e de cada indivíduo. A importância da narração para os professores que se expõem neste livro, colocando em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de identidades no decorrer do confinamento, leva-me a reforçar o valor das

suas narrativas. Acredito que tais palavras, com diversos contornos e em diferentes nuances, se constituíram um meio pelo qual tornaram possível conhecer como estes docentes têm (re)construído trajetórias pessoais e profissionais e, simultaneamente, como valorizaram a própria pessoa, a sua história, a sua visão de mundo, as suas experiências e formas de aprender, em ambientes tão obscuros. Pode ler-se num dos textos o caríllar de tais transformações que uma escrita poética permitiu: “Há poesia/ Em cada canto/ Mesmo no pranto/ De quem, sozinho,/ Ainda espera/ Uma solução. Há poesia/ Em cada dia/ Que deixa a marca/ De que, nessa vida,/ Tantas vezes / É preciso arriscar. Há poesia/ Em cada gesto/ Que toca a alma/ De quem, na luta,/ Mesmo distante/ Faz acreditar.” (Bruna Molisani, p.30).

Preocupações que assim divulgadas, quiçá desocultam abandonos encobertos, vozes de outra maneira sem escuta, manifestações sentidas de visibilidades excessivas e que fazem esconder muitas sombras e anonimatos, porque não há uma história única de uma pandemia que a todos afetou neste século XXI. Eis-nos, pois, no âmago da pertinência e da necessidade deste livro onde as histórias de docentes contam. E contam, não apenas para quem as lê, mas também para quem as escreveu, dando lugar a experiências formadoras que a escrita e o trabalho perspectivado em equipa terão proporcionado, contrariando o isolamento ou o medo. No fundo, encontramos neste projeto agora publicado, os princípios epistemológicos da pesquisa biográfica em educação, contribuindo esta obra para robustecer a sua vitalidade paradigmática.

Antes de concluir, reitero o meu obrigada às organizadoras deste livro que, nestes tempos de grande estranheza, se mobilizaram para tão valiosas reflexões. Aos autores pretendo deixar, para além do agradecimento,

palavras de ânimo e de esperança. As suas vozes tornaram possível uma escuta próxima que todos tanto precisamos. Mas esta necessidade de escuta, de nós e dos outros, percebi-a não apenas com este livro. Tem sido um processo de aprendizagem, a partir de Portugal mas aberto ao mundo, que tem acontecido ao acompanhar de perto e desde há alguns anos, os trabalhos de autores como Gaston Pineau, Christine Delory-Momberger, Maria da Conceição Passeggi, Maria Helena Abrão, Elizeu Clementino de Souza, Martine Lani-Bayle, ou Laura Formenti. Os nomes poderiam ser muitos mais, ficando a desculpa de não ser aqui o lugar bom para uma lista mais ampla. Contudo, anoto que, dos projetos que mantemos em rede, sobressai que se podem abraçar sonhos que alcançam o desenvolvimento e que é o trabalho conjunto, que valoriza todos e cada ser humano, consegue. Assim, realço o papel de associações internacionais como a BIOgraph que tanto tem feito no Brasil e no mundo, da ASIHVIF que se estendeu da Europa à América ou à Ásia, do CIRBE e da ESREA que, sobretudo a partir da Europa, muito têm contribuído para os estudos biograficamente orientados. Tal como revelaram as narrativas dos vários autores, as redes e o trabalho em equipa têm o poder de promover avanços significativos no plano epistemológico e teórico-metodológico da pesquisa educacional, assim como abrir caminhos para reais aproximações entre investigação, formação, intervenção e desenvolvimento.

Espero, por fim, ter conseguido expressar o enorme potencial deste livro, para práticas de pesquisa, de formação e práticas sociais em tempos difíceis, disruptivos para todos os seres que habitamos este mundo que, quero crer, tem sido e desejamos que permaneça como a nossa casa comum, com os nossos contributos vivenciais e experiências. Vontades comuns de libertação e quebra de dependências da ciência e da política que nos governam,

com pensamento crítico e interrogações a partir da existência vivida em isolamento, mas não sozinhos, e com a escrita de narrativas que não dissiparam a noção de interações que se têm revelado fundamentais mesmo quando os contextos nos mantém fisicamente distantes.

Conceição Leal da Costa

13 de agosto de 2020